# ETHNOGRAPHY IN/OF THE WORLD SYSTEM: THE EMERGENCE OF MULTI-SITED ETHNOGRAPHY

George Marcus

Annual Review of Anthropology, 24, p. 95-117, 1995.

Acesso em: [<https://www.annualreviews.org/content/journals/anthro>](http://www.annualreviews.org/content/journals/anthro)

Bruno Vieira Borges

Historiador e Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (PPGS-USP). Pesquisador associado ao Observatório do Lazer e do Esporte (OLÉ) e ao Mobilidades: Teorias, Temas e Métodos (MTTM). E-mail: [brunovieiraborges@usp.br](mailto:brunovieiraborges@usp.br)

# Contextualização

O texto em foco é de George Marcus, fundador da importante revista Cultural Anthropology e Docente da Universidade da Califórnia. Seu interesse pela etnografia começou com sua irmã, que, ao casar com um antropólogo, passou meses na Malásia comunicando à família, por meio de cartas, as experiências que tinha (SILVA, 2017). A leitura dessas cartas encantou o jovem Marcus, levando-o a trilhar uma carreira acadêmica dedicada, sobretudo, às técnicas de escrita etnográfica e às reflexões metodológicas.

Ethnography in/of the World System é um artigo publicado no vigésimo quarto volume do Annual Review of Anthropology, em 1995. O periódico em questão integra a rede Annual Review cuja especialidade é difundir textos seminais das diversas disciplinas. Como o debate da globalização, à época, desafiava profundamente os antropólogos acerca de suas técnicas tradicionais de etnografia, o texto de Marcus veio de encontro a essa demanda.

# Aplicação ao objeto de pesquisa

George Marcus não foi o inventor da etnografia multissituada, mas foi fundamental para a elaboração metodológica dessa abordagem. Atento à precedente produção dos anos 1980, o antropólogo capturou a emergência de um modo alternativo de organizar no espaço e no tempo, as tramas da alteridade e, portanto, o próprio ofício do antropólogo.

Em 1922, Bronisław Malinowski publicou Os Argonautas do Pacífico Ocidental. O livro, fruto de uma inserção entre os trobriandeses da Nova Guiné, tornou-se um dos grandes pontos de inflexão da história da Antropologia. A pesquisa de Malinowski, com efeito, estabeleceu boa parte dos parâmetros

teórico-instrumentais mais comuns da etnografia, como, por exemplo, a permanência por um longo período no campo em estudo, a aprendizagem da língua local, o interesse sincero pelos costumes e crenças, não mais encaixotando-os enquanto expressão do irracional e do não sofisticado. Com o avanço dos macroprocessos capitalistas, esses parâmetros passaram a costurar pesquisas que se dedicavam, sobretudo, a rastrear as resistências e as acomodações das culturas locais no mundo globalizado.

Outros estudiosos, no entanto, avaliaram que as características descontínuas do mundo contemporâneo enfraquecem etnografias extremamente contidas em um único espaço ou, então, que enquadram seus acontecimentos a grandes narrativas, como a do “sistema mundo” de Immanuel Wallerstein. George Marcus, aproximando-se dessa crítica, defende que devemos traçar estratégias para perseguir as conexões que se formam não necessariamente seguindo o referencial das fronteiras territoriais e dos dilemas clássicos do “capitalismo organizado”. Discutir os caminhos viáveis para uma etnografia multissituada é, nesse sentido, central para revigorar e atualizar a atuação do antropólogo.

É comum associarmos etnografia ao trato do cotidiano ou, em outras palavras, ao conhecimento advindo do contato face-a-face; por este motivo, parece incoerente alargar seu escopo espacial. Para Marcus, entretanto, a etnografia multissituada não tem como objetivo a representação holística de uma totalidade. Trata-se de entender que a etnografia de qualquer formação cultural no mundo globalizado é, em alguma medida, também sobre este último. No mapeamento do terreno, pode-se estipular uma espécie de “sistema-mundo” do que se estuda, mas sempre recordando os caminhos e as trajetórias que compõem as experiências.

A maior mobilidade do pesquisador não compromete o desenvolvimento e a complexidade de um trabalho de campo, embora possa abalar algo de sua “mística convencional”. Conforme repara George Marcus, o atravessamento de diferentes lugares não é estranho à etnografia, mas, para que o potencial da abordagem multissituada seja executado, torna-se imprescindível pensá-los dentro de um mesmo quadro analítico e para além da uniformidade. Nessa perspectiva, aliás, o cuidado com os idiomas e as linguagens, que já aparecia em Malinowski, deve ser

redobrado, pois o pesquisador tende a encontrar mais nuances, fraturas e dissonâncias ao passo que articula não somente um lugar específico.

Uma última “ansiedade metodológica” enfrentada é a figura do subalterno. Historicamente, a antropologia acostumou-se a enquadrar as ações exercidas por sujeitos subalternos dentro dos esquemas da economia capitalista. Na etnografia multissituada, porém, a atenção deve ser direcionada para outros domínios, a começar pelo entendimento de que a produção de resistências não está sempre desvinculada de cumplicidades sistêmicas. De acordo com George Marcus, a expansão do que está “em foco” favorece a qualificação, por um lado, do que está acomodando e, por outro, do que está resistindo. É axiomático, portanto, que um objeto de estudo multissituado imponha a dimensão comparativa.

Com a feitura desses apontamentos, projetamos que a etnografia multissituada se faz “em torno de cadeias, caminhos, fios, conjunções ou justaposições de locais nos quais o etnógrafo estabelece alguma forma de presença física literal, com uma lógica explícita e postulada de associação ou conexão entre os locais” (MARCUS, 1995:105). Enquanto técnica, podemos aplicá-la a fenômenos culturais cuja identidade conceitual revela-se, em maior ou menor grau, maleável na medida em que traçamos os movimentos que a compõem. Nesse passo, George Marcus aponta seis entradas a serem consideradas e seguidas pelos pesquisadores: pessoas, coisas, metáforas, histórias/alegorias, vidas/biografias e conflitos.

Ao trazer essas considerações para a minha realidade de pesquisa e, igualmente, para o meu corpo de referências teóricas, algumas ideias me ocorrem. De imediato, a correlação entre as seis entradas acima citadas e os cinco tipos básicos de mobilidade, a saber mobilidades corporais, mobilidades de objetos, mobilidades imaginativas, mobilidades virtuais e mobilidades comunicativas (FREIRE-MEDEIROS & LAGES, 2020). Mimi Sheller e John Urry (2006) no “manifesto teórico das mobilidades” não deixaram de fazer menção ao artigo de George Marcus como inspiração, o que afina ainda mais esse diálogo.

Quando penso no meu tema - as viagens dos torcedores organizados da Gaviões da Fiel -, a dimensão talvez mais óbvia seja o movimento das pessoas. Dispostos a enfrentar com destacável frequência as estradas brasileiras e

latino-americanas, habitando ônibus muitas vezes precários, esses corinthianos diferenciam-se de excursionistas que viajam com o intuito de chegar a um evento específico e isolado. No ano de 2023, foram mais de 30 caravanas organizadas para diferentes estádios. Considerando o tempo de acesso que terei ao campo, o processo sugerido por Marcus de acompanhar os movimentos e neles permanecer, poderá ser mais encorpado, posto que a Gaviões faz do ato de viajar uma cotidianidade.

Conforme assinalei no projeto de mestrado, uma das maneiras de aproximar-se corporalmente de grupos e agentes é através da técnica de sombreamento (JIRÓN, 2011). A pesquisadora Paola Jirón enfatiza que as experiências múltiplas e híbridas de mobilidade são sempre parciais e processuais; assim, tornar-se a sombra de alguém é tanto um compromisso com a “teorização mais móvel” quanto um experimento denso de reflexividade, de “sentir na pele” o que o outro sente; embora não se possa, de fato, “viver na pele” desse outro.

Devemos, outrossim, asseverar que existem formas de ser e habitar em movimento normalmente mediadas por tecnologias não-humanas, entre as quais os veículos. Como John Urry (2004) notificou, a sociologia que elege a estabilidade como o estado natural em que as coisas deveriam estar, falha em perceber o caráter específico e profundo da dominação da “automobilidade” na contemporaneidade. As paisagens urbanas e as próprias sociabilidades são abaladas, reforçadas, inventadas e persuadidas pelos tipos de automóvel, bem como pelos significados amplos de “automobilidade”, como as noções de instantaneidade, flexibilidade e liberdade - todas situacionais e sujeitas aos abalos que a realidade das coisas funda.

A condução do sombreamento, à vista disso, precisa apoderar-se do “saber viajar” que provém da relação corpo/máquina, ou melhor, corpo/máquinas, no plural, porque a maior parte das experiências de mobilidade na metrópole são multimodais (IMILÁN & JIRÓN, 2018). É muito em razão dessa circunstância que Paola Jirón (2011) fez seu campo em Santiago aos moldes de uma “etnografia multissituada”, abordagem que a permitiu entender as razões de determinadas performances na variação do tipo de movimento feito. Assim, podemos qualificar o desenho metodológico de Marcus em consonância com a máxima de detectar sistemas que

demarcam a consciência cotidiana e as ações, ou seja, de como as pessoas sentem e articulam diferentemente em diferentes locais.

“Sombrear” torcedores desde suas casas até a sede da Gaviões, de onde partem as caravanas, já possibilita um primeiro “mapear o terreno”. Um indivíduo A pode começar sua jornada caminhando do Jardim Universo (Mogi das Cruzes, SP) até a estação de Brás Cubas (Mogi das Cruzes, SP); habitar o trem até a estação terminal da linha 11-Coral (Luz, São Paulo, SP); solicitar um uber até a Rua Cristina Tomás, mais conhecida como Rua dos Gaviões (Bom Retiro, São Paulo, SP); para que, enfim, possa partir, em companhia de outros gaviões, até a cidade da partida. Outro indivíduo B pode fazer um caminho muito mais “simplificado”, “menos multimodal”; tomar o elevador de seu prédio no Butantã até o estacionamento e, por algumas dezenas de minutos, seguir a estrada com um automóvel próprio que o deixará no mesmo destino do indivíduo A. Bastam dois cenários, como esses hipotéticos, para sermos capazes de multissituar a etnografia e, por consequência, suscitar debates sobre as desigualdades, os presságios que são verbalizados, os códigos do corinthianismo, os capitais de rede, os “locais de transição”, as fricções, os transportes, etc.

As dimensões da história, da narrativa e da biografia, portanto, ganharão destaque. De acordo com George Marcus, as coisas costumam integrar modelos de discurso e pensamento, os quais fazem circular signos e metáforas. O mundo do futebol é, por excelência, um mundo simbólico. Em sua “multivocalidade” (ser jogo, esporte, ritual, espetáculo, instrumento de disciplina, prazer, paixão, mercadoria, empresa, etc.), o futebol coleciona e insinua diversas ideias de sorte, destino, vitória, derrota, injustiça, mérito, e assim por diante (DAMATTA, 1994). Ser torcedor passa por distribuir a si mesmo em objetos, seres, místicas e crenças. Luiz Henrique de Toledo (2010:182) chegou a afirmar, inclusive, que “há algo de nós” na camiseta do time para o qual torcemos, assim como “há algo dela agenciado em nós”.

A Gaviões da Fiel, em específico, não apenas usa a camisa do Corinthians, como cria o seu próprio manto, preferindo este último nos dias de partida Nas caravanas, aliás, vestir o fardamento dos gaviões pode ser obrigatório, como Canale (2015) percebeu em sua etnografia. Existem ônibus responsáveis por levar os instrumentos musicais, as faixas, os sinalizadores, as bandeiras, etc. E, para além

da materialidade, viajam nas caravanas tanto as biografias das pessoas que portam os objetos quanto dos próprios objetos, havendo uma patrimonialização, por vezes santificada, atravessando-os (TOLEDO, 1996). Deverá ser um salto de minha pesquisa o aprofundamento sobre o que permite ou proíbe o movimento desse repertório; então, mentalizar e conectar os lugares (sede/subsedes, ônibus, restaurantes de estrada, estádios, bares, ruas, etc.) tornar-se-á um imperativo dela.

Dos indicativos feitos por Marcus, aquele mais intrigante para pensar minha pesquisa é o de “seguir o conflito”. O mundo do futebol é, em primeiro lugar, o mundo do jogo, em que se faz necessário forjar vencidos e vencedores, com abertura para o tempo fazer o primeiro tornar-se o segundo, e vice-versa. A dialética do resultado esportivo não se restringe, porém, aos noventa minutos (e acréscimos), senão pela extensão temporal do que acontece dentro de campo (HUIZINGA, 2008 [1939]). O “conflito”, nesse caso, é constitutivo do próprio sentido da prática de pôr em jogo; não se pode, portanto, resolvê-lo. O que as torcidas organizadas parecem fazer é insuflar as entradas e os motivos possíveis para o “conflito”. Disputa-se o canto (mais bonito e mais alto); a bandeira (mais bonita e maior); a composição de cores (no caso da gaviões, preza-se pela formação do “mar negro” - todos vestindo preto), a bateria (mais ritmada e contagiante); a narrativa (melhor narrada - acerca de um título, de um clássico emblemático, de uma fuga da polícia, etc); e assim por diante. Portanto, “seguir o conflito” das torcidas organizadas é, de certo modo, segui-las.

O caráter filosófico da afirmação, porém, pouco nos diz sobre as implicações reais desse conflito e, em especial, como o movimento se torna o fundamento dele. Ao reconhecer que por meio das performances a Gaviões da Fiel afirma e refaz seu lugar no mundo, caberá a mim enquanto pesquisador compreender de que maneira a tradução desse estilo de vida é realizada a depender do lugar de destino da caravana. Conforme Marcus, atentar-se às reproduções espaciais de um fenômeno cultural pode nos revelar uma série de discussões conceituais sobre como ver ou sondar etnograficamente uma “sensibilidade”. A seleção das pessoas, dos objetos, das músicas, das narrativas e das expectativas que viajarão tem correlação com o adversário a ser enfrentado? Estaríamos falando de uma lógica na qual a tônica da afirmação de identidade é condicionada e retroalimentada pelas rivalidades?

Se restringirmos o olhar da pesquisa ao ritual futebolístico realizado na arquibancada e na sede de uma torcida organizada, a tendência será atomizar cada um desses coletivos, deixando ao relento as “cadeias de interdependência” (ELIAS & DUNNING, 1992) que são capazes de integrá-los, em última análise, ao espetáculo global do futebol. Nesse sentido, é de meu interesse interpretar a Gaviões da Fiel para além dos territórios em que desfruta de maior previsão e controle das ações (sua sede, “seu” estádio, “seu” bairro, “sua” cidade), tendo como hipótese que o ato de viajar e, por consequência, se expôr a intempéries, é responsável direto pelo estreitamento dos laços de amizade, confiança e convivência torcedora por ela cultivados. Sendo nossa suspeita verdadeira ou não, é possível adiantar, conforme estamos argumentando, que a averiguação dependerá de uma abordagem móvel multissituada.

Como deverei me portar no campo com intuito de acessar, cobrir e coordenar seus múltiplos lugares? Convencionalmente, o fazer metodológico do etnógrafo circunscreve-se na reivindicação de um certo distanciamento polido mediante as razões internas dos grupos e agentes interlocutores. O antropólogo, nessa chave, é lido como um “interessado intelectualizado” disposto a viver por um certo tempo entre os “nativos” e redigir seu trabalho a partir dessa experiência de alteridade. Estaria mentindo a minha orientadora, a meus pares acadêmicos e, sobretudo, a mim mesmo, se eu pactuar com esses princípios, ainda que os falseando no meu íntimo. Sou corinthiano e sócio da Gaviões da Fiel, portanto, não sou apto ao refúgio que a figura do antropólogo desapegado oferece. Todavia, claro, não quero escrever os mandamentos de uma apologia ao torcedor alvinegro; caso quisesse, a dissertação seria, de longe, o formato textual menos recomendado.

Precisarei, então, saber negociar as diferentes identidades que tenho nas diferentes interações e nos diferentes lugares. Colocando-me à disposição para reavaliar, no trato diário e constante da pesquisa, minhas crenças e pré-noções, não estarei fazendo apenas etnografia, mas algo que possui um senso de ativismo. Como define George Marcus, o etnógrafo-ativista é aquele que, no domínio de sua persona profissional, sabe conciliar os compromissos transversais e, por vezes, contraditórios que derivam dos outros papeis sociais que guarda.

No meu caso, pode-se mostrar fundamental estar atento ao que os outros sabem ou querem saber sobre mim, a depender do momento. Posso incrementar meu “capital de rede” dentro da torcida organizada, se eu souber articular, de forma estratégica, o fato de eu ser: historiador formado pela USP, atuante no Acervo da Gaviões, sócio da Gaviões, corinthiano, “caravaneiro”, mestrando em sociologia, e assim por diante. Dessa maneira, nas palavras de Marcus, poderei aprender um pouco sobre cada fatia do sistema e, por fim, tentar organizá-las na redação, como se fossem peças de um mosaico móvel e multissituado.

# Referências complementares

CANALE, V. Viajando com os Gaviões: narrativas de uma caravana do Movimento Rua São Jorge. In: HOLLANDA, B. B. & NEGREIROS, P. L. (org.). *Os Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol*. Rio de Janeiro, RJ: 7Letras, 2015.

DAMATTA, R. Antropologia do óbvio: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP*, n. 22, 1994.

ELIAS, N. & DUNNING, E. *A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional*. Lisboa: Difel, 1992.

FREIRE-MEDEIROS, B. & LAGES, M. P. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 123, 2020.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2008 [1939].

IMILÁN, W. & JIRÓN, P. Moviendo los estudios urbanos. La movilidad como objeto de estudio o como enfoque para comprender la ciudad contemporânea. *Quid16*, n. 10, 2018.

JIRÓN, P. On becoming the shadow/la sombra. In: BUSCHER, M.; URRY, J. & WITCHGER, K. (org.). *Mobile methods*. Abingdon, UK; New York, US: Routledge, 2011.

SHELLER, M. & URRY, J. The new mobilities paradigm. *Environment and Planning A*, v. 38, no 2, 2006.

SILVA, P. K. Entrevista com George Marcus. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, nº 47, pp. 401-416, 2017.

TOLEDO, L. H. Torcer: a metafísica do homem comum. *Revista de História*, n. 163, 2010.

. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, SP: Anpocs, 1996.